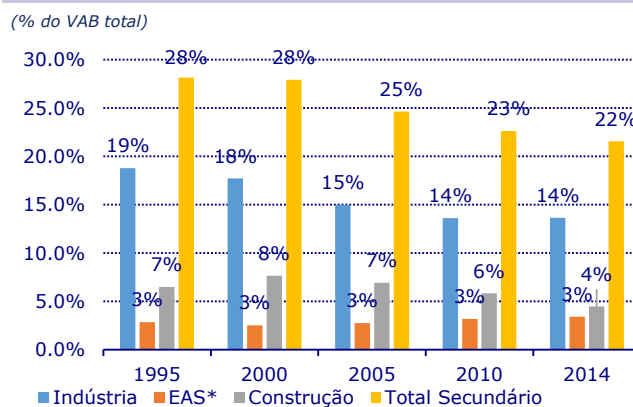


CARACTERIZAÇÃO DO SECTOR SECUNDÁRIO EM PORTUGAL (Parte II)

Como tínhamos referido na primeira parte da análise ao sector secundário, ao longo dos últimos anos tem havido uma perda gradual de importância do sector na economia portuguesa, no âmbito do processo de terciarização que ocorreu de forma acentuada no país, nas últimas décadas. Em Portugal, a globalidade do sector secundário vale em termos de VAB 21.5% (2014) do total, ou 32 mil milhões de euros, enquanto na UE28 é bem mais importante, pois tem um peso total à volta de 40%. No que respeita à mão-de-obra, este sector absorve 20% da mão-de-obra total em Portugal, pouco mais de 1 milhão de pessoas, e 34% ao nível da UE28.

VAB por ramo de actividade, preços correntes



A ANÁLISE DOS DIFERENTES SUBSECTORES

Importância económica e tecido empresarial

No que respeita aos diferentes subsectores, a indústria destaca-se, embora seguindo a tendência de perda de importância económica (presentemente existe uma aparente estabilização). A construção foi igualmente uma importante área económica que regrediu, após o *boom* alcançado no início do século XXI. Já o segmento da Electricidade, Água e Saneamento (EAS) tem vindo a ganhar maior expressão, sendo um bom índice de desenvolvimento, em resultado dos importantes investimentos efectuados nestas infra-estruturas e no surgimento de novas dinâmicas nas empresas de *utilities* (as tecnologias utilizadas eram obsoletas e as empresas encontravam-se num processo de decadência tecnológica).

De facto, a Indústria representa 13.1% do total do VAB nacional (13.6% incluindo a indústria extractiva), seguindo-se a grande distância a Construção com 4.5% e a EAS com 3.4%. Em comparação com os valores da UE28, só a EAS mostra a mesma proporção relativa (3.6%), já que a Indústria representa 26.2% do total (o dobro do que em Portugal), seguindo-se a Construção com 8.4% (quase o dobro comparativamente a Portugal) e as Minas com 1.4% (o triplo que em Portugal). Em termos de mão-de-obra, para Portugal a proporção é muito semelhante à anterior: 13.0% está afectada à Indústria; 5.7% à Construção; 0.9% à EAS; 0.2% às Minas. Já os valores médios da UE28 mostram um peso superior da mão-de-obra na Indústria (22.4%) e na Construção (10.1%). Se analisarmos conjuntamente o peso do VAB e da mão-de-obra nos subsectores em Portugal e na UE28 podemos igualmente concluir que existe uma diferença de produtividade na Manufatura. De facto, em proporção, o valor médio do VAB na Manufatura necessita menos mão-de-obra na UE28 do que em Portugal.

Peso de cada actividade no VAB total			Peso de cada actividade em termos de mão-de-obra total		
	UE28	Portugal		UE28	Portugal
Minas	1.4%	0.4%	Minas	0.5%	0.2%
Manufatura	26.2%	13.1%	Manufatura	22.4%	13.0%
Elect., água e gás	3.6%	3.4%	Elect., água e gás	0.9%	0.9%
Construção	8.4%	4.5%	Construção	10.1%	5.7%
Total	39.6%	21.5%	Total	33.9%	19.8%

Fonte: Eurostat, INE, Banco BPI.

Fonte: Eurostat, INE, Banco BPI.

É sabido que o tecido empresarial do país é dominado pelas micro-empresas, seja qual for a actividade económica, embora sejam responsáveis por somente 15% do volume de negócios. E os dados indicam que tem havido um aumento das micro-empresas nos últimos anos, mas sem ter havido uma alteração significativa da estrutura sectorial das empresas em Portugal. Segundo um recente estudo do Banco de Portugal (Análise sectorial das sociedades não financeiras em Portugal 2010-15), das **390 mil empresas em actividade em Portugal (exclui as empresas agrícolas), 89.5% são microempresas, 10.3% são PME e 0.3% são empresas de grande dimensão**. Segundo os dados em análise, 0.3% das indicadas grandes empresas geraram o maior volume de negócios, cerca de 43%. Do mesmo modo, só uma pequena parte da globalidade do tecido empresarial vende para o mercado externo: 37% do volume de negócios deve-se ao sector exportador, embora num universo de 6% do tecido empresarial (pouco mais de 23 mil empresas). Dito de outro modo, ou seja, de acordo com a estrutura empresarial, **43% das grandes empresas eram exportadoras, comparativamente a 22% das PME**

OPINIÃO

e 4% das microempresas. E 48% do volume de negócios das grandes empresas resultaram da exportação, que compara com 35% nas PME e 11% nas microempresas.

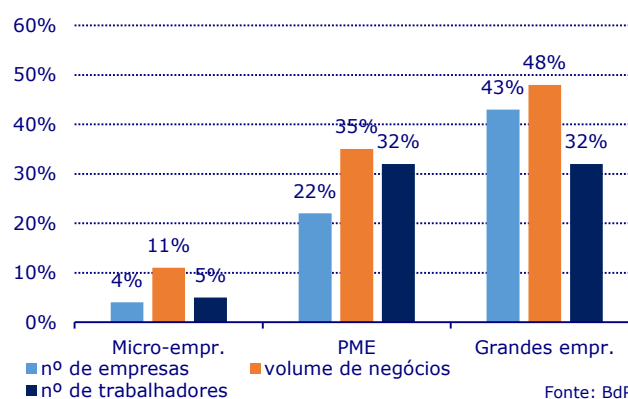
Composição do número de empresas e volume de negócios por dimensão por sectores de actividade, 2014

	Composição do número de empresas por dimensão			Composição do volume de negócios por dimensão		
	Micro-empresas	PME	Grandes empresas	Micro-empresas	PME	Grandes empresas
Total	89.5%	10.3%	0.3%	15.4%	41.7%	42.8%
Agricultura e Pescas	91.9%	8.0%	0.1%	40.7%	53.8%	5.5%
Indústria	71.4%	27.9%	0.7%	5.3%	44.2%	50.5%
Electricidade e Água	70.9%	26.4%	2.7%	1.8%	17.4%	80.8%
Construção	89.1%	10.7%	0.1%	21.9%	47.8%	30.3%
Comércio	90.7%	9.1%	0.2%	19.8%	43.9%	36.3%
Outros serviços	92.9%	6.9%	0.2%	20.9%	40.6%	38.5%

Fonte: BdP.

Relativamente à totalidade da actividade entre 2010 e 2014, houve um reforço do volume de negócios das grandes empresas em 2 pontos percentuais (p.p.). Por sectores de actividade, 74% das empresas pertenciam ao sector dos serviços (comércio e outros serviços), tendo sido responsáveis por 60% do volume de negócios. Destaca-se ainda um aumento da relevância da indústria (+3 p.p.), em detrimento da construção (-4 p.p.) ao nível do volume de negócios.

Na composição por empresas, a indústria tem 71.4% de micro-empresas, 27.9% de PME e 0.7% de grandes empresas; a electricidade e água é composta por 70.9% de microempresas, 26.4% de PME e 2.7% de grandes empresas; na construção, 89.1% das empresas são micro-empresas (maior percentagem do sector secundário), 10.7% são PME (menor percentagem do sector secundário) e 0.1% são grandes empresas. Em termos de volume de negócios estas três áreas de actividade mostram realidades diferentes: na indústria, 50.5% pertence às grandes empresas e 44.2% às PME; na electricidade e água, 80.8% é efectuado pelas grandes empresas e 17.4% pelas PME; na construção, o volume de negócios está mais repartido (a realidade do sector da construção também é amplo), 47.8% refere-se às PME, 30.3% às grandes empresas e 21.9% às microempresas.

Relevância das exportações por tipo de empresa

Distribuição das empresas por classes de dimensão, 2008*

		Total	Micro	Pequenas	Médias	Grandes
		Milhares; %				
UE27	100.0%	20,994	92.0%	6.7%	1.1%	0.2%
Alemanha	9.0%	1,880	83.0%	14.1%	2.4%	0.5%
Itália	18.8%	3,947	94.3%	5.1%	0.5%	0.1%
Espanha	12.6%	2,653	93.1%	6.0%	0.8%	0.1%
Reino Unido	8.2%	1,731	89.3%	8.8%	1.5%	0.4%
Portugal	3.7%	778	94.0%	5.1%	0.7%	0.1%
Irlanda	0.8%	158	87.8%	9.9%	1.9%	0.3%
Grécia	0.2%	46	83.9%	13.0%	2.7%	0.4%

Fonte: Eurostat.

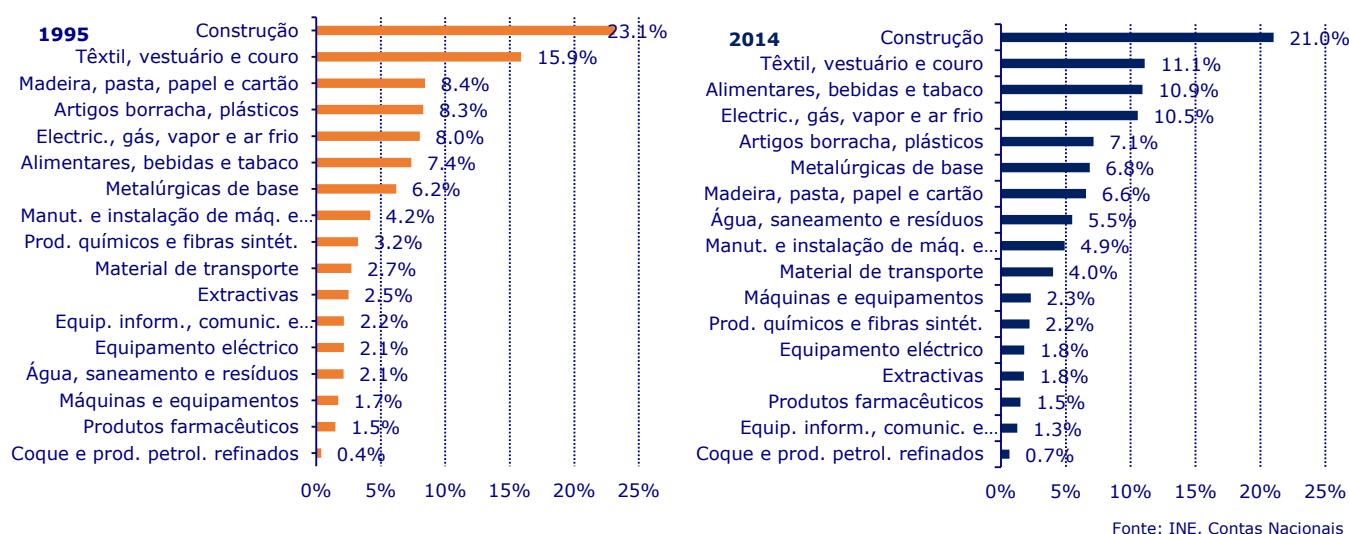
Nota: *empresas não-financeiras, incluindo empresas agrícolas.

Na comparação com outros países da União Europeia (UE), verifica-se que Portugal é dos países com maior número de micro e pequenas empresas e menor número de médias e grandes empresas. Em termos de total de empresas a nível europeu (estão englobadas empresas financeiras e não financeiras), Portugal tem a quota maior face a países como

Irlanda e Grécia, o que pode significar uma grande dispersão de pequenas empresas, de carácter familiar, com pouca relevância económica e facilmente expostas aos choques trazidos pela recente crise. De facto, a globalidade das empresas portuguesas tem um peso perto dos 4% do total europeu, acima de países como a Irlanda e a Grécia, que têm uma representação de 0.8% e 0.2%, respectivamente. Mas perante a análise por classes de dimensão, tanto a Irlanda como a Grécia têm, em termos relativos, o dobro ou mais do dobro de PME comparativamente a Portugal. Ou seja, poderá ser um sinal de maior solidez da estrutura empresarial desses países, já que contêm empresas de maior dimensão produtiva e com maior capacidade concorrencial, que tipicamente surge associada a maior solidez financeira.

Segundo o estudo do BdP, o sector da electricidade e água foi a área de actividade económica que maior rentabilidade líquida registou em 2014, perto de 11% do respectivo volume de negócios, a que não será alheia a modernização efectuada no sector nos últimos anos. A indústria, por seu turno, terá sido um dos sectores com a rentabilidade líquida menos significativa, cerca de 1% do volume de negócios, assim como a construção com uma rentabilidade nula. Ainda assim, o efeito dos juros líquidos assumiu maior relevância nas empresas da electricidade e água e da construção.

VAB por ramo de actividade



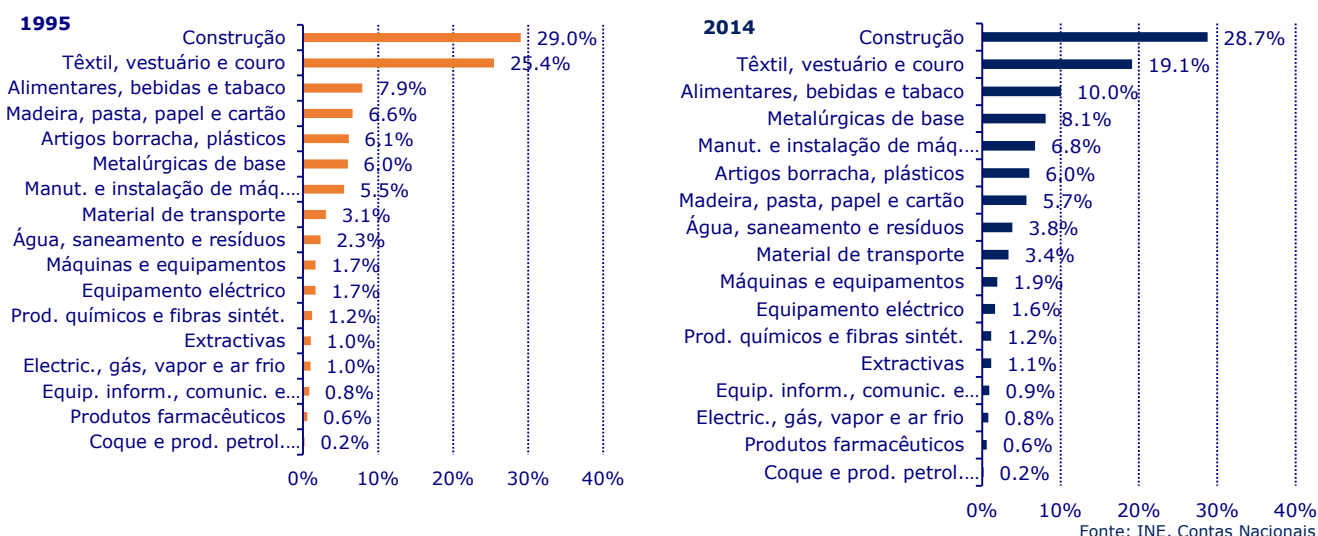
Em termos de VAB, a chamada Indústria (incluindo extractivas) representa mais de 60% do sector secundário (20.2 mil milhões de euros), seguindo-se a Construção com 21% (6.8 mil milhões de euros) e a Electricidade, gás, água e saneamento com 16% (5.2 mil milhões de euros). Nas quase duas últimas décadas, a área da Electricidade, gás, água e saneamento foi a que mais cresceu, com uma taxa de 130% (pode-se ainda apurar que a "Água, saneamento, e tratamento de resíduos" cresceu 275%) seguindo-se a Indústria com 37% e a Construção com 32% (embora com a crise que se instalou em Portugal em 2011, o sector da Construção tenha sofrido uma contracção de mais de 25%). Dentro da Indústria, os sectores mais representativos são o "Têxtil, vestuário e couro" e a "Alimentação, bebidas e tabaco" com um peso individual semelhante de cerca de 11% (3.5 mil milhões de euros cada). Mas enquanto a área do "Têxtil, vestuário e couro" (indústrias tradicionais na economia portuguesa) só cresceu pouco mais de 1% em quase 20 anos, a "Alimentação, bebidas e tabaco" verificou um crescimento de 115%.

Seguem-se, "Artigos de borracha e plásticos" com uma expressão de 7.1% (2.3 mil milhões de euros), "Metalúrgicas de base" com 6.8% (2.2 mil milhões de euros) e "Madeira, pasta de papel, papel e cartão" com 6.6% (2.1 mil milhões de euros). Destas três áreas, a "Metalúrgicas de base" foi a que mais cresceu no período em análise, mais de 60%, seguindo-se os "Artigos de borracha e plásticos" com um crescimento de 25% e a "Madeira, pasta de papel, papel e cartão" com 13% (esta última área tem igualmente grande tradição na economia do país). Uma palavra para o "Coque, produtos petrolíferos e refinados", que embora represente 0.7% do total da Indústria, registou um crescimento de 150%. O "Material de transporte", com uma expressão de 4% do total, verificou igualmente um importante crescimento de 114%.

No que respeita à mão-de-obra utilizada, a totalidade da Indústria absorve 66% (cerca de 698 mil indivíduos), enquanto a Construção representa perto de 29% do emprego (acima dos 301 mil), e a Electricidade, gás, água e saneamento apenas 5% (48 mil). Em todos estes sectores verificou-se uma diminuição significativa de empregos desde 1995. Tanto a Indústria como a Construção registaram reduções de mais de 30%, enquanto a Electricidade, gás, água e saneamento a redução foi de 5%. Mas dentro deste sector existem duas realidades opostas: na área da "Electricidade e gás" a redução de empregos foi de 45%; na área de "Água, saneamento e resíduos" de 1995 a 2014 verificou-se um aumento de 12% da mão-de-obra.

OPINIÃO

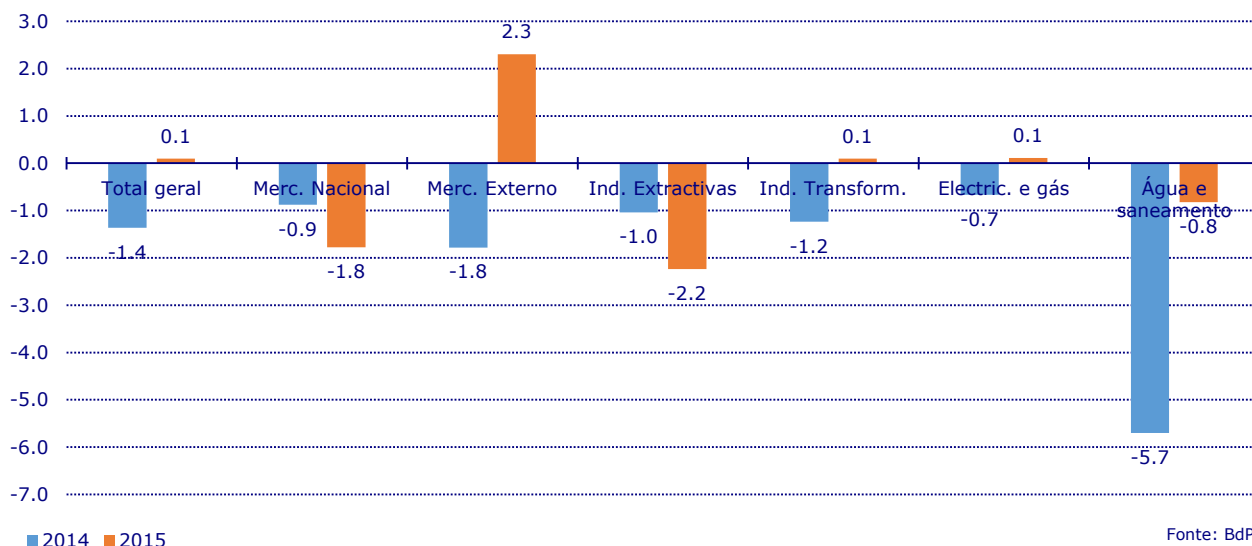
Emprego por ramo de actividade



Dentro do sector da Indústria, as áreas que absorvem mão-de-obra são exactamente as que mais riqueza criam (indústrias intensivas em mão-de-obra) - "Têxtil, vestuário e couro" com um peso de 19.1% (201 mil trabalhadores) e "Alimentação, bebidas e tabaco" com 10.0% (105 mil trabalhadores). Seguem-se as "Metalúrgicas de base" com 8.1% (85 mil trabalhadores), "Manutenção e instalação de máquinas e equipamentos" com 6.8% (71 mil trabalhadores) e "Artigos de borracha e plásticos" com 6.0% (63 mil empregos).

Índice de volume de negócios (IVN) da Indústria Transformadora

(variação anual, %)



Adicionalmente, deve-se referir que o índice de volume de negócios da indústria transformadora tem mostrado alguma volatilidade mas, sobretudo, uma retoma de algumas áreas. Existiu, de facto, uma recuperação expressiva do mercado externo (variação de -1.8% em 2014 para +2.3% em 2015), que permitiu que o total geral passasse de uma variação negativa de 1.4% em 2014 para uma variação positiva de 0.1% em 2015. Também a Indústria transformadora e a Electricidade e gás mostraram já uma ligeira variação positiva em 2015 (+0.1%), depois da variação negativa de 1.2% e de 0.7%, respectivamente. Por seu turno, o Mercado nacional e a Indústria extractiva regrediram em termos de volume de negócios de 2014 para 2015 (-1.8% e -2.2%, respectivamente, em 2015). Já o subsector da Água e saneamento recuperou de uma variação de -5.7% em 2014 para -0.8% em 2015.

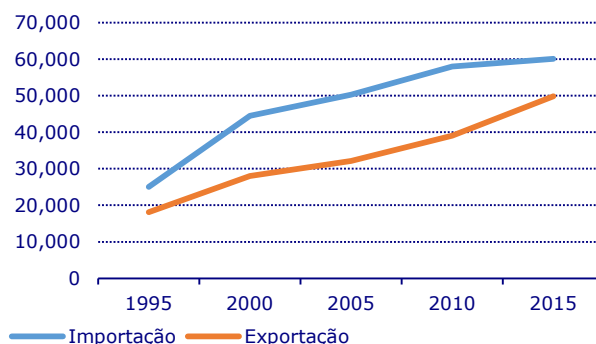
Comércio externo

Segundo o INE, em 2015, as exportações aumentaram 3.6% em relação ao ano anterior, o que representa uma aceleração face ao acréscimo de 1.7% registado em 2014. Por seu turno, as importações aumentaram 1.9%, correspondendo a uma desaceleração relativamente ao crescimento de 3.4% verificado em 2014. O défice da balança comercial atingiu 10.3 mil milhões de euros em 2015, correspondendo a uma redução de 570 milhões de euros face a 2014. A taxa de cobertura passou de 81.6% para 82.9% de 2014 para 2015 (1.3 p.p.).

De referir que nos últimos 20 anos ocorreram algumas alterações com relevância no peso dos nossos principais clientes. **A Alemanha deixou de ter uma quota de 21% das nossas exportações, diminuindo para 12%, trocando a liderança de nosso principal importador com Espanha.** De facto, a Ibéria tornou-se mais integrada, e a Espanha representa agora 25% das exportações portuguesas. A Alemanha e a França mostram quotas semelhantes de 12% e o Reino Unido baixou ligeiramente de expressão, passando de 11% para 7%. Os EUA aumentaram a sua posição para 5% e Angola (a par da Holanda) ocupa a sexta posição com uma quota de 4%.

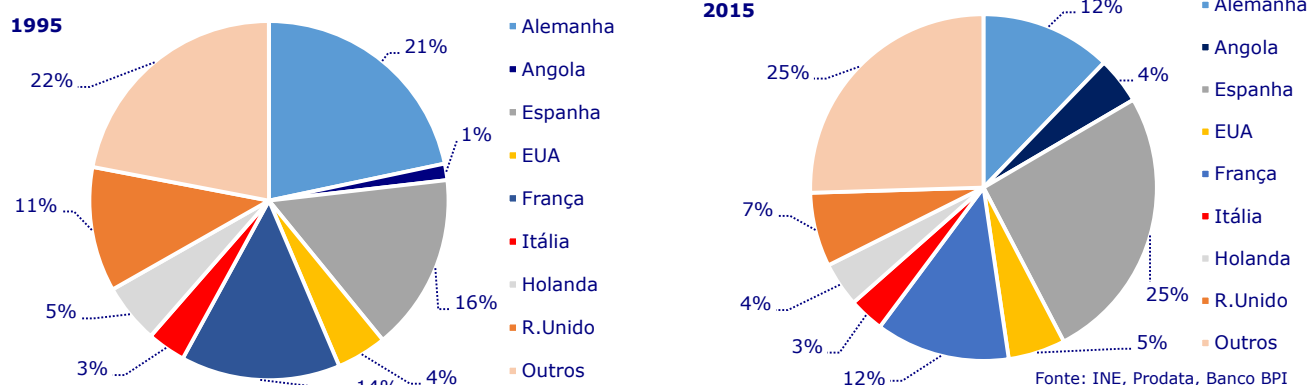
Importação e exportação de bens

(10⁶ euros)



Fonte: INE, Contas Nacionais

Exportações de bens: peso dos principais países parceiros comerciais



Saldo da balança de bens: total e por principais países parceiros comerciais

milhões de euros

	Total	Alemanha	Angola	Brasil	China	Espanha	EUA	França	Itália	Japão	Holanda	R.Unido	Outros
1995	-8,039	-43	250	-239	-123	-2,838	-31	-537	-1,550	-421	-269	281	-2,516
2000	-18,491	-1,711	313	-283	-330	-6,621	246	-1,471	-2,208	-941	-978	252	-4,760
2005	-20,242	-3,508	778	-806	-398	-7,196	584	-285	-1,660	-496	-1,064	350	-6,542
2010	-21,380	-3,278	1,342	-607	-1,345	-8,729	481	247	-1,952	-235	-1,619	-180	-5,505
2015	-10,302	-1,848	960	-291	-938	-7,295	1,602	1,611	-1,642	-125	-1,059	1,462	-2,739

Fonte: INE, Prodata, Banco BPI.

Também é com Espanha que Portugal tem o maior défice comercial (pois é igualmente o nosso principal fornecedor de mercadorias), cerca de 70% do défice deve-se ao vizinho ibérico. Os restantes 30% repartem-se por Alemanha, Itália e Holanda. Em 2015, registaram-se aumentos consideráveis do superávit com os EUA, França e Reino Unido (que extravasa a representatividade do chamado "mercado da saudade"), que compensaram a diminuição do excedente com Angola (depois de uma evolução significativa ao longo dos últimos anos). Este país colocou algumas barreiras à importação e isso reflectiu-se nas trocas comerciais.

OPINIÃO

Quotas de mercado nos 20 maiores mercados de exportação de bens

	Quotas (%)			Variação (p.p.)	
	2013	2014	Jan-Jul 15	2014	Jan-Jul 15
Espanha	4.36	4.19	4.56	-0.16	0.36
Alemanha	0.61	0.62	0.65	0.00	0.04
França	1.07	1.11	1.19	0.04	0.09
Angola	16.49	15.90	13.52 (1S15)	-0.59	-2.39 (1S15)
Reino Unido	0.53	0.57	0.59	0.04	0.02
EUA	0.11	0.12	0.13	0.00	0.01
Holanda	0.43	0.43	0.45	0.00	0.02
Itália	0.43	0.43	0.43	0.00	-0.01
Bélgica	0.39	0.38	0.35	-0.01	-0.03
Brasil	0.05	0.04	0.04	-0.01	0.00
Marrocos	0.39	0.33	0.41	-0.06	0.09
China	1.93	2.42	2.79	0.49	0.37
Argélia	1.28	1.34	1.45	0.06	0.11
Suécia	0.36	0.38	0.35	0.02	-0.04
Polónia	0.28	0.29	0.33	0.00	0.04
Suíça	0.17	0.21	0.21	0.03	0.00
Turquia	0.20	0.22	0.17	0.02	-0.05
Repúb. Checa	0.26	0.28	0.26	0.01	-0.02
Moçambique	4.79	4.93	-	0.14	-
Dinamarca	0.43	0.41	0.40	-0.03	0.00

Fonte: OMC, INE, INE Angola, INE Moçambique, BdP. Tabela ordenada pelo valor das exportações em 2014

Mas em termos de quotas de mercado, no contexto dos 20 maiores mercados de exportação de bens, os produtos portugueses alcançam a maior expressão em Angola, embora seja notório o decréscimo em 2014 e, sobretudo, em 2015. De uma quota de 16.49% em 2013, passa-se para 13.52% no 1ºS2015. Em Moçambique, a quota foi de 4.93% em 2014, seguindo a Espanha com 4.56% no 1ºS2015, a China com 2.79%, a Argélia com 1.45% e a França com 1.19%, igualmente no 1ºS2015.

Globalmente, o país tem vindo a assistir ao aumento da sua quota de mercado a nível mundial, de 0.313% em 2012, registou o valor de 0.339% no 1ºS2015, sobretudo reflexo de uma maior penetração dos produtos portugueses na UE. De facto, no espaço europeu, o país passou de uma quota de 0.692% em 2012 para 0.77% no 1ºS2015. Já no caso do espaço extracomunitário, as quotas sofreram apenas ligeiras alterações. Em 2012 a quota do país era de 0.0947% e no 1ºS2015 era de 0.0987%.

Quotas de mercado das exportações de bens, %

	2012	2013	2014	1ºS 2015
Mundo	0.313	0.332	0.337	0.339
IntraUE	0.692	0.735	0.740	0.770
ExtraUE	0.0947	0.1017	0.1028	0.0987

Fonte: OMC e INE

Metodologia: quotas calculadas através da divisão das exportações pelas importações nos vários mercados.

Saldo da balança de bens: total e por tipo de produto

milhões de euros

	Total	Agro-alimentares	Químicos, borrachas	Madeira, cortiça e papel	Peles, couros e têxteis	Vestuário e calçado	Minérios e metais	Máquinas	Material de transporte	Outros
1995	-8,039	-2,253	-2,184	800	1,273	1,159	-2,292	-2,260	-1,794	-488
2000	-18,491	-3,259	-3,300	825	1,074	1,221	-5,638	-4,512	-3,640	-1,262
2005	-20,242	-3,397	-3,602	628	674	866	-7,471	-4,461	-2,576	-902
2010	-21,380	-3,813	-4,451	1,253	-65	820	-6,451	-4,227	-3,501	-944
2014	-10,872	-2,875	-3,478	1,889	437	1,264	-5,005	-2,061	-1,002	-41
2015	-10,302	-2,977	-3,974	2,017	462	1,210	-3,334	-2,111	-1,571	-25

Fonte: INE, Pordata.

Nos saldos da balança por tipo de produto, confirmam-se as tendências dos últimos anos: o excedente comercial, com tendência crescente, nos subsectores da "Madeira, cortiça e papel", "Vestuário e calçado" e "Peles, couros e têxteis" (nesta ordem de importância económica); a forte dependência externa e, por isso, os défices comerciais nos "Químicos e borrachas", "Minérios e metais", "Agro-alimentares", "Máquinas" e "Material de transporte".

Mas esta realidade não oculta o sucesso de vendas de alguns produtos demonstrativos do desenvolvimento das indústrias do país. De facto, para além dos produtos tradicionais (que também sofreram nos últimos anos melhorias consideráveis em termos de qualidade e de design), Portugal tem conseguido penetração nos mercados internacionais de produção tecnologicamente mais avançada e com significativo valor acrescentado. **Em 2015, os principais produtos exportados, em valor, foram: as "Máquinas e aparelhos" (apesar do decréscimo de 7% em relação a 2014) com um peso de 16.4% face ao total; os "Combustíveis minerais", com uma quota de 13.2%; os "Metais comuns", que representam 8.4% (embora tenha verificado um decréscimo de quase 16%); os "Veículos e mat. de transporte", que representam 7% (redução de 3% face a 2014); os "Minerais e minérios" com 6.7% (melhoria de 3.3% em relação a 2014); os "Alimentares" com 6.5% (-13%); seguem-se as pastas de papel, plásticos e borrachas, produtos têxteis, etc..**

Situação financeira das empresas

Considerando os dados do Banco de Portugal, dentro do sector secundário, à importância económica da Indústria Transformadora e da Construção corresponde igualmente uma boa parte do crédito bancário total. Ambos detêm perto de 16% do crédito total, enquanto a EAS corresponde apenas 5%. Mas é um facto que perante um total de 81.6 mil milhões de euros de empréstimos bancários a sociedades não financeiras, 37% estão a cargo do sector secundário.

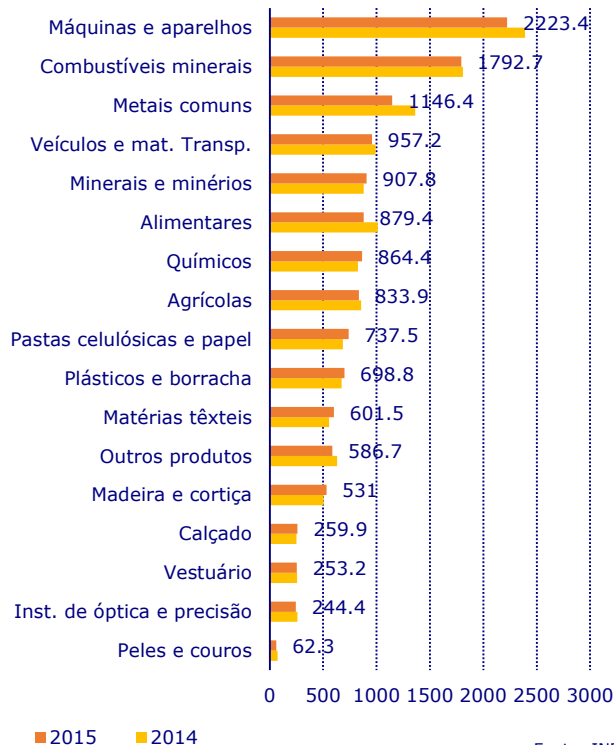
Confirma-se igualmente que os subsectores economicamente mais importantes, "Alimentares, bebidas e tabaco", "Têxtil, vestuário e couro", "Metalúrgicas de base", "Madeira, pasta, papel e cartão", etc., são proporcionalmente os que mais financiamento acumulado possuem.

Ainda relativamente aos dados das sociedades não financeiras, é visível a contínua diminuição do crédito às PME e às grandes empresas por parte do sector financeiro e monetário e não monetário nos últimos três anos. Relativamente às grandes empresas, existe uma aparente melhoria no último ano. Inversamente, as empresas exportadoras não denotam dificuldade no acesso ao crédito, mantendo variações semelhantes nos últimos dois anos, acima das taxas de crescimento da globalidade da actividade económica do país.

Mas em termos financeiros existem boas notícias da parte das PME: os juros suportados em resultado dos financiamentos obtidos têm vindo a diminuir, enquanto que os proveitos em relação aos capitais próprios e aos créditos têm melhorado de forma significativa (estes

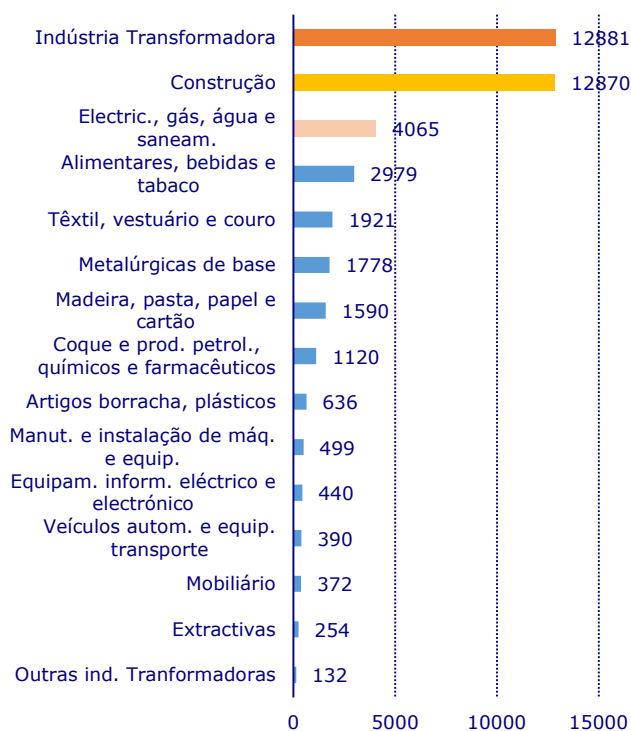
Principais produtos exportados

(milhões de euros)



Empréstimos bancários a sociedades não financeiras por sector de actividade

(saldos até Dezembro de 2015, não incluindo títulos; milhões de euros)

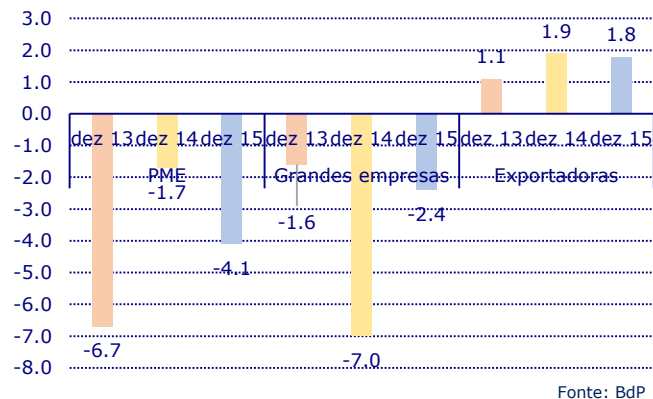


OPINIÃO

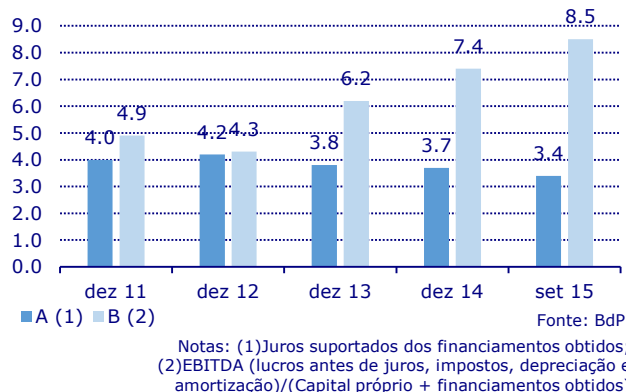
dados contemplam igualmente o sector terciário). Esta evolução carrega um maior optimismo futuro para as empresas portuguesas.

Crédito do sector financ. monet. e não monetário às soc. não financ.: PME, grandes emp. e exportadoras

(taxa variação anual, tva, %)


PME (excluído o sector agrícola)

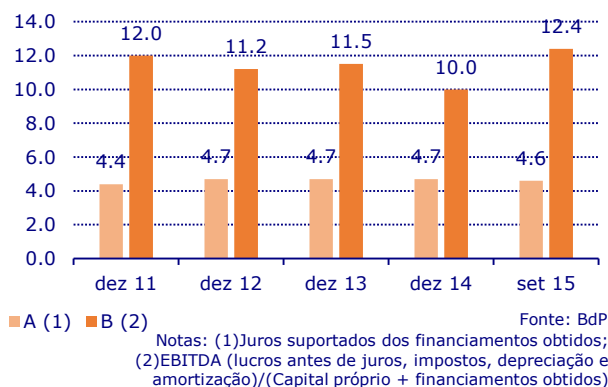
(%)



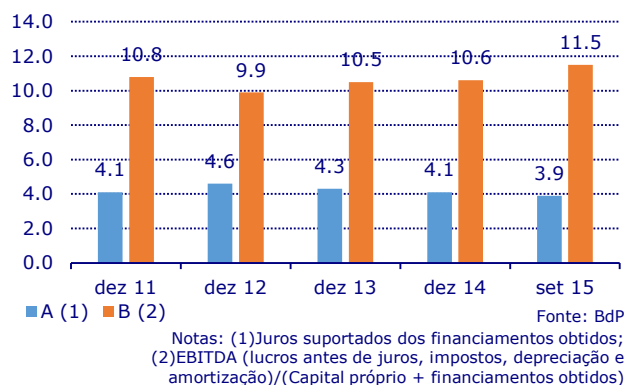
Ao nível das grandes empresas, a evolução dos juros suportados não foi tão satisfatória (a diferença ainda é significativa em relação a situação das PME), embora o peso dos proveitos face aos capitais próprios e aos créditos esteja num patamar bem superior. Confirma-se a capacidade superior de realizar proveitos.

Grandes empresas (excluído o sector agrícola)

(%)


Indústrias (manufatura, minas e pedreiras)

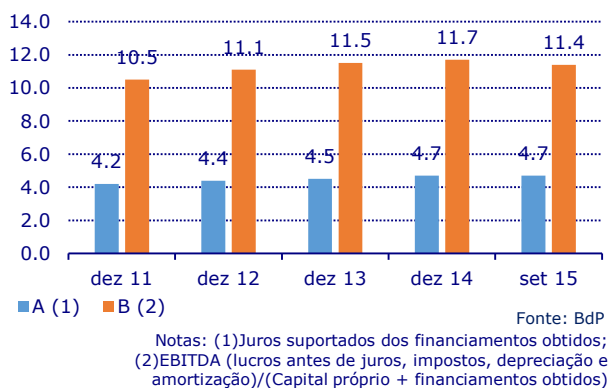
(%)



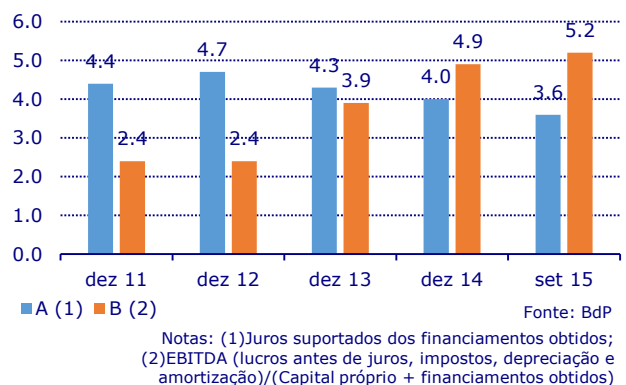
Em termos dos subsectores, as Indústrias também têm visto cair de forma gradual o custo do financiamento. Ao mesmo tempo, o rácio do EBITDA/(capital próprio+financiamento) tem vindo a aumentar, concorrendo para uma melhor situação financeira das empresas ligadas a estas actividades económicas.

Electricidade, gás e água

(%)


Construção

(%)



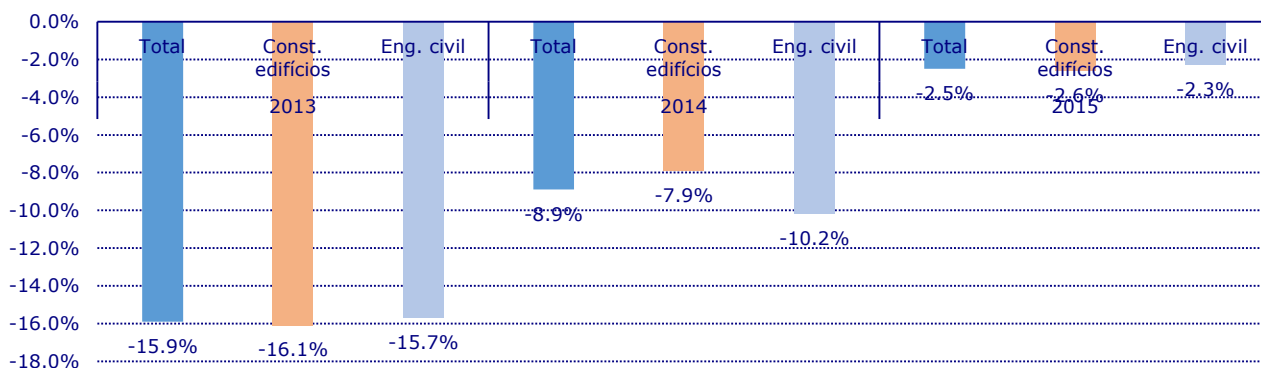
Já na área da Electricidade, gás e água, tem-se mostrado difícil desagregar os juros suportados, embora se assista a uma consistência do peso dos proveitos em relação aos capitais.

Na Construção, confirma-se o mau momento passado por este sector, nomeadamente ao nível financeiro. O agravamento dos juros suportados coincidiu com proveitos muito baixos. Nos últimos dois anos aconteceu a inversão dessa situação e a remuneração dos capitais tornou-se superior aos custos do financiamento.

Construção

Índice de produção na Construção

(%)

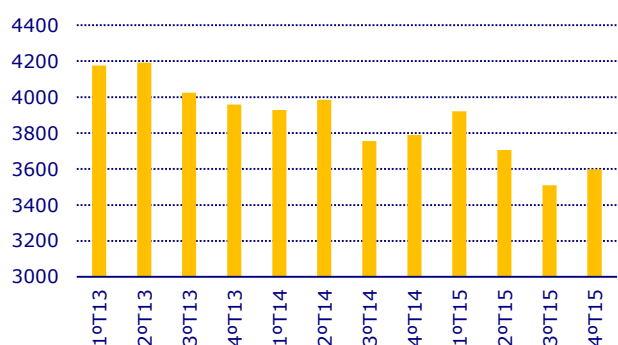


Fonte: INE

Uma referência ao sector da Construção, que mostra uma evolução menos negativa ao longo dos últimos dois anos, sabendo-se que é uma actividade dependente de factores cíclicos internos e externos, que vão desde a confiança dos agentes económicos à evolução das taxas de juro, passando pelas políticas governamentais. Por outro lado, existem situações estruturais, como o excesso de construção no passado, para além de preços em níveis especulativos, que justificaram a tendência de correcção. De facto, em 2015, o índice de produção na Construção diminuiu 2.5% (diminuição de 8.9% em 2014). O segmento da Construção de Edifícios apresentou uma diminuição média anual de 2.6% (variação de 7.9% em 2014) enquanto o da Engenharia Civil passou de uma variação média de -10.2% em 2014, para -2.3% em 2015. Segundo os dados do INE, verificou-se igualmente uma melhoria ao nível do emprego e da remuneração na Construção. Assim, no conjunto do ano de 2015 o índice de emprego diminuiu 3.2% (diminuição de 6.7% em 2014). Já o índice de remunerações apresentou uma redução de 3.6% (diminuição de 5.2% em 2014).

Total de licenças de construção

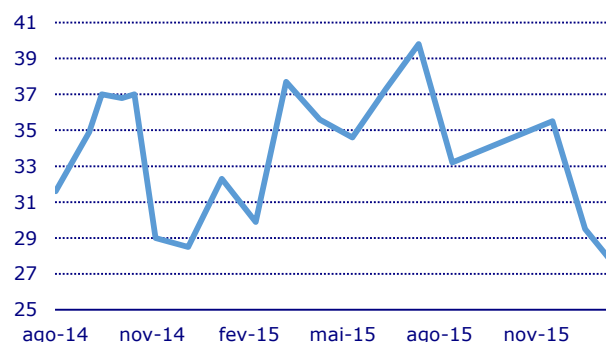
(número)



Fonte: INE

Vendas de cimento (1)

(média 1990= 100)



Fonte: INE

Nota: (1) volume das vendas de cimento das empresas nacionais para o mercado interno, excluindo as importações de cimento

No entanto, ainda não é visível uma recuperação ao nível do total de licenças de construção. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma diminuição gradual das licenças, que se encontram em níveis bastante baixos para servirem de base a uma recuperação mais expressiva do sector.

Apesar da alta volatilidade do indicador de venda de cimento, também este dado não nos mostra uma recuperação, havendo mesmo um decréscimo ao longo dos últimos meses.

OPINIÃO

Energia

Produção primária e parte das energias renováveis no consumo interno bruto de energia, 2003-2013

	Produção Primária				Energia renovável total	Resíduos e biomassa	Hídrica	Geo-térmica	Eólica	Solar						
	2003	2013	var 13/03	peso												
											(%)					
	(1 000 toe)	%														
UE28	104,094	191,961	84.4	100.0	11.8	7.7	1.9	0.4	1.2	0.6						
Alemanha	12,614	33,680	167.0	17.5	10.3	7.3	0.6	0.0	1.4	1.0						
França	15,521	23,073	48.7	12.0	9.0	5.8	2.3	0.1	0.5	0.2						
Itália	9,999	23,500	135.0	12.2	16.5	8.4	2.8	3.1	0.8	1.3						
Espanha	9,196	17,377	89.0	9.1	14.7	5.8	2.7	0.0	3.9	2.3						
Reino Unido	2,642	8,404	218.1	4.4	5.0	3.4	0.2	0.0	1.2	0.2						
Portugal	4,241	5,621	32.5	2.9	23.5	12.4	5.2	0.8	4.6	0.5						
Irlanda	235	766	226.0	0.4	6.2	2.9	0.4	0.0	2.8	0.1						
Grécia	1,538	2,487	61.7	1.3	10.7	4.9	2.2	0.0	1.5	2.1						

Fonte: Eurostat.

No que respeita à Energia, é de referir a forte progressão em termos de produção primária na Europa, tendo-se desenvolvido fontes alternativas às tradicionais nos últimos anos. Nos países escolhidos para análise comparativa, Portugal até é o que menos cresce em termos de produção primária de energia no período compreendido entre 2003 e 2013 (32.5%). Irlanda e Reino Unido registaram o crescimento mais elevado em dez anos, embora a base de partida fosse baixa (comparativamente a Portugal, a Irlanda tem uma produção bastante inferior e, no caso do Reino Unido, a produção é ligeiramente superior). Conjuntamente, Alemanha, França, Itália e Espanha, representam mais de 50% da produção da UE28, com a Alemanha e a Espanha a terem quotas individuais de 18% e 9%, respectivamente. Portugal tem uma quota de cerca de 3%.

Contudo, deve-se ressaltar que Portugal tem feito um grande esforço em prol das energias renováveis. No consumo interno bruto, 23.5% da energia consumida no país pertence a energias alternativas, correspondendo o restante a energias tradicionais. Um valor que ultrapassa em muito a média da UE28, que se situa abaixo dos 12%. Dentro do total da energia renovável, os resíduos e a biomassa têm um peso de 12.4%, seguindo-se a energia hídrica com 5.2% e a eólica com 4.6%. Valores bem superiores aos dos restantes países que constam da análise. Países como a França e a Alemanha ainda têm uma importante percentagem de energia nuclear na produção de electricidade, perto de 80% e de 30%, respectivamente.

Uma referência ao consumo interno bruto de energia, onde Portugal regista um processo gradual de menor consumo em mais de uma década. Movimentos semelhantes aconteceram na Grécia, no Reino Unido e em Itália. Uma maior eficiência energética tem sido uma das grandes conquistas de Portugal, assim como dos países referidos. Em termos comunitários, o peso do consumo português de energia é diminuto, 1.4% em 2013, quando a Alemanha e a França representam 19.5% e 12.9%, respectivamente.

Consumo interno bruto de energia, 2000-2013

milhões de toneladas equivalentes em petróleo

	2000	2010	2013	% 2013	var.13/00
UE28	1726.8	1760.6	1666.3	100.0%	-3.5%
Alemanha	342.3	333.0	324.3	19.5%	-5.3%
França	257.5	267.6	259.3	12.9%	0.7%
Itália	174.2	174.8	160.0	9.6%	-8.2%
Espanha	123.6	130.0	118.8	7.1%	-3.9%
Reino Unido	230.6	212.2	201.1	12.1%	-12.8%
Portugal	25.3	24.3	22.6	1.4%	-10.7%
Irlanda	14.4	15.2	13.7	0.8%	-4.9%
Grécia	28.3	28.7	24.4	1.5%	-13.8%

Fonte: Eurostat.

Investigação & Desenvolvimento

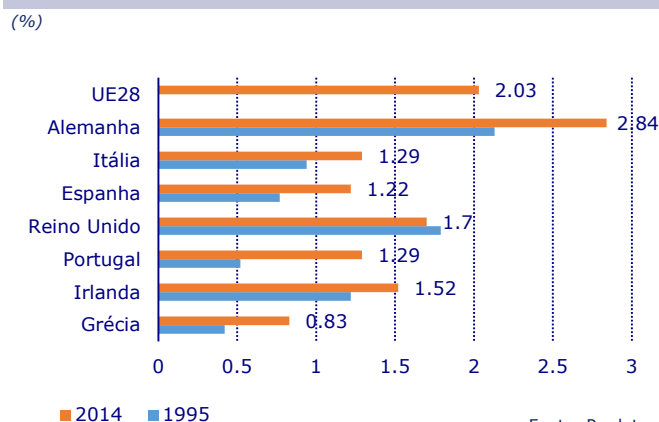
Componente importante e reveladora do grau de desenvolvimento do país, assim como do interesse em progredir ao nível da competitividade das empresas, é o investimento em I&D. É certo que o rácio I&D/PIB em Portugal tem valores abaixo da UE28, Reino Unido e da Irlanda, mas encontra-se ligeiramente acima dos valores de Espanha e está ao mesmo nível de Itália, por exemplo. Portugal despende 1.29% do PIB em I&D, quando a UE28 mostra o valor de 2.03%, a Irlanda 1.52% e a Espanha 1.22%, por exemplo, o que coloca o país numa posição intermédia, depois de uma progressão significativa ao longo dos últimos anos. A Alemanha, com 2.84% é, dentro dos países em referência, o que tem maior gasto de I&D em relação ao PIB, que permite ser um país de referência em termos tecnológicos, para além da forte penetração internacional dos seus produtos mais complexos.

Em termos gerais, a Estratégia de Lisboa, elaborada na última década, falhou no objectivo de alcançar o nível dos 3% do PIB em termos de investimento em I&D por parte dos estados. Objectivo que se mantém no novo quadro de estratégico contido no Europa 2020.

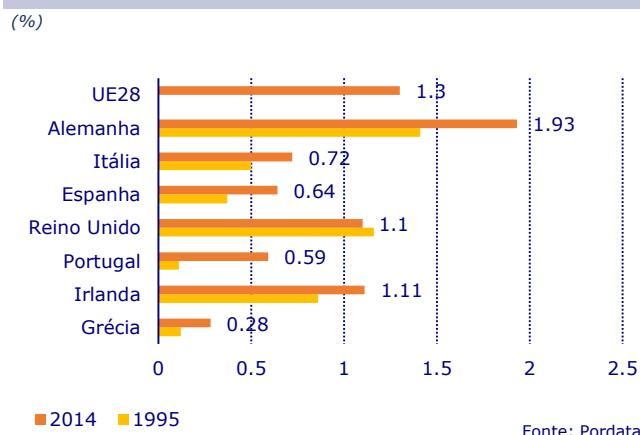
Ao nível do investimento em I&D por parte das empresas nacionais verificou-se igualmente um reforço significativo, embora na comparação com os mesmos países de referência o valor relativo é baixo. O valor médio dos gastos das empresas da UE28 é de 1.3% do PIB, com a Alemanha a alcançar 1.93%. As empresas portuguesas gastam 0.59% do PIB, que compara com os 0.64% da Espanha, os 0.72% de Itália, os 1.11% da Irlanda e os 0.28% da Grécia.

Mas é um facto que o país tem vindo a evoluir de forma satisfatória em termos de rejuvenescimento do tecido empresarial (novas empresas, novos empresários e novas maneiras de pensar e agir) o que anula uma imagem mais antiga de indústrias obsoletas, com práticas pouco adequadas às novas exigências, assim como ligadas a produtos pouco apelativos e inovadores. Em termos gerais, Portugal tem 54.6% de empresas consideradas inovadoras dentro do total, quando o valor para a UE28 é de 48.9%. Em termos comparativos, apontamos a Alemanha, em que 66.9% das empresas é considerada inovadora, a Irlanda com 58.7%, a Reino Unido com 50.3% e a Espanha com 33.6% (o valor mais baixo dos países escolhidos para análise).

Despesa em I&D no PIB de cada país



Despesa das empresas em I&D no PIB de cada país



Empresas inovadoras por tipo de inovação, 2010-2012

	Emp. inovadoras	Emp. inovadoras no produto	Emp. inovadoras nos processos	Emp. inovadoras na organização	Emp. inovadoras no marketing
UE28	48.9	23.7	21.4	27.5	24.3
Alemanha	66.9	35.8	25.5	32.2	34.4
França	53.4	24.2	24.1	34.2	25.4
Itália	56.1	29.1	30.4	33.5	31.0
Espanha	33.6	10.5	15.1	19.4	13.2
Reino Unido	50.3	24.0	14.1	34.2	16.8
Portugal	54.6	26.0	33.5	32.8	32.8
Irlanda	58.7	27.8	25.9	21.8	35.7
Grécia	52.3	19.5	25.6	30.2	36.8

Fonte: Eurostat

OPINIÃO

Onde essa realidade é mais expressiva, segundo os dados do Eurostat, é na inovação nos processos de produção, onde o país alcança 33.5% das empresas (a UE28 tem um valor de 21.4%). Não muito longe desta percentagem (32.8%) surgem as empresas nacionais inovadoras na organização e no marketing. A percentagem mais baixa, 26.0%, corresponde às empresas inovadoras no produto. Ainda assim, os valores de Portugal são sempre superiores à média da UE28. A Espanha, por exemplo, mostra percentagens bem inferiores às nacionais, em quase todos os casos inferiores em mais de metade das nacionais. Possivelmente, a dimensão de Espanha (e falta de homogeneidade do território) e do número das suas empresas poderá estar a diluir o conjunto de empresas mais dinâmico e inovador, ficando aqui a ressalva.

Conclusão

Perante os valores indicados ao longo desta análise confirma-se que a generalidade da indústria portuguesa viu a crise recente do país como um desafio, pois nunca se exportou tanto como nos últimos dois anos, e seria difícil supor que Portugal pudesse vender tanta quantidade de produtos transformados e tecnologicamente mais elaborados, a par dos produtos tradicionais, que igualmente melhoraram a sua penetração nos mercados externos.

Como é sabido, a crise económico-financeira criou choques de vária ordem às empresas (redução da procura, incapacidade de pagamento dos clientes, acesso a financiamento, etc.), em que o grau de intensidade sentido dependeu da dimensão das empresas e de o seu mercado ter um carácter mais interno ou externo. Em termos gerais, várias indústrias, com empresas de média dimensão (PMEs) e com vocação para a exportação mostraram-se mais defendidas face à crise. No lado oposto, empresas muito pequenas, direccionadas para o mercado interno, em sectores como o da construção ou de pequena manufactura ficaram claramente expostos.

O tecido empresarial português é dominado pelas micro-empresas em todas as actividades económicas, embora sejam somente responsáveis por 15% do volume de negócios. Segundo o BdP, do lado oposto temos 0.3% das empresas consideradas grandes empresas que geraram mais de 40% do volume de negócios. Nas indústrias transformadoras e nas indústrias extractivas mais de 50% do volume de negócios resultaram do comércio externo. E 43% das consideradas grandes empresas eram exportadoras, comparativamente a 22% das PME e de 4% das microempresas. Dados que confirmam a noção de que é necessária alguma dimensão para garantir sucesso na vertente do comércio com o exterior.

Tanto em 2014 como em 2015, o líder exportador foi o grupo das “Máquinas e Aparelhos”, demonstrando que a mecânica e a electrónica nacional começam a beneficiar de melhor reputação internacional, estando ganha a aposta na inovação e na qualidade. De perto, em termos de valor exportado, surge um outro grupo com grau elevado de transformação, os “Combustíveis minerais”, fruto da reconversão do parque refinador nacional, após elevado investimento. Também a metalúrgica nacional (“Metais comuns”) e a indústria automóvel (“Veículos e mat. de transporte”) fazem parte dos principais produtos exportados. Mas há ganhos económicos acrescidos ao manterem-se ou reforçarem-se os superávites de determinados grupos de produtos, no que respeita aos saldos comerciais. São produtos com grande tradição de exportação, mas que souberam progredir, inovar e incorporar valor em mercados exigentes, ampliando a sua quota: madeira, cortiça, papel, vestuário, calçado, peles, couros e têxteis.

Em termos de peso económico interno, a Indústria domina globalmente o sector secundário (mais de 60% do VAB do sector), seguindo-se a Construção e a EAS. E dentro da indústria, é incontestável que os subsectores do “Têxtil, vestuário e couro” e a “Alimentação, bebidas e tabaco” têm um peso económico muito relevante, para além de fornecimento de produtos essenciais à população, sendo áreas intensivas em mão-de-obra.

Foi notório o esforço de modernização das empresas portuguesas (embora algumas tenham desaparecido durante o processo de resolução da crise), nomeadamente ao nível da inovação, seja ela ligada ao produto, aos processos de produção, à organização ou ao marketing. Segundo o Eurostat, e em termos comparativos com outros países europeus, os dados comprovam uma maior abertura do país à inovação, podendo-se mesmo falar no surgimento de um novo empresário, mais esclarecido e que arrisca, nomeadamente ao nível do mercado externo. O Estado português tem igualmente programas de apoio à internacionalização das empresas, para além dos pacotes financeiros integrados na estratégia de crescimento para a década da União Europeia. Passado o pior momento da crise, o acesso e os custos de financiamento foram melhorando, ao mesmo tempo que os proveitos das empresas foram ganhando mais consistência, dando suporte positivo à actividade futura das empresas.

Valor acrescentado bruto por ramo de actividade, a preços correntes

	Total	Extrac- tivas	Alimen- tares, bebidas e tabaco	Têxtil, vestuário e couro	Madeira, pasta, papel e cartão	Coque e prod. petrol. refinados	Prod. Quími- cos e fibras sintéticas	Produtos farma- céuticos	Artigos borracha, plásticos	Metalúr- gicas de base	Equip. inform., comun. electró- nicos	Equipam- ento eléctrico	Máquinas equipa- mentos	Material de trans- porte	Manutenção e instalação de máq. e equip.	Electrici- dade, gás, vapor e ar frio	Água, sanea- mento e resíduos	Con- strução
1995	22,091	551	1,630	3,510	1,864	84	717	327	1,834	1,368	476	474	375	604	926	1,772	469	5,109
2000	31,410	629	2,466	3,812	2,554	206	691	339	2,511	1,882	707	696	614	1,494	1,352	2,120	735	8,600
2005	33,900	658	3,182	3,415	2,353	546	771	388	2,461	2,082	703	608	628	1,345	1,442	2,599	1,184	9,534
2010	35,820	714	3,568	3,363	2,447	431	806	428	2,518	2,334	576	668	712	1,284	1,688	3,343	1,715	9,226
2014	32,151	570	3,509	3,563	2,107	211	709	487	2,295	2,199	407	579	738	1,293	1,583	3,387	1,763	6,751
var. 95/14	45.5%	3.4%	115.3%	1.5%	13.0%	150.9%	-1.1%	48.8%	25.2%	60.7%	-14.5%	22.2%	96.5%	113.9%	70.9%	91.2%	275.7%	32.2%
peso '14 %	100.0%	1.8%	10.9%	11.1%	6.6%	0.7%	2.2%	1.5%	7.1%	6.8%	1.3%	1.8%	2.3%	4.0%	4.9%	10.5%	5.5%	21.0%
									63.0%									

Fonte: INE, Contas Nacionais

Distribuição da mão-de-obra pelas várias indústrias

	Total	Extrac- tivas	Alimen- tares, bebidas e tabaco	Têxtil, vestuário e couro	Madeira, pasta, papel e cartão	Coque e prod. petrol. refinados	Prod. Quími- cos e fibras sintéticas	Produtos farma- céuticos	Artigos borracha, plásticos	Metalúr- gicas de base	Equip. inform., comun. electró- nicos	Equipam- ento eléctrico	Máquinas equipa- mentos	Material de trans- porte	Manutenção e instalação de máq. e equip.	Electrici- dade, gás, vapor e ar frio	Água, sanea- mento e resíduos	Con- strução
1995	1542.342	15.991	121.932	392.442	101.818	3.104	18.417	8.599	94.016	91.951	12.397	25.720	25.749	47.107	84.519	15.117	36.024	447.439
2000	1736.404	19.226	125.478	368.378	102.399	2.480	16.854	7.679	101.109	105.781	14.272	30.124	27.109	56.893	95.210	14.345	34.651	614.416
2005	1505.657	17.221	117.275	286.896	89.442	2.202	15.559	6.119	88.518	97.826	13.222	19.219	24.165	47.716	87.348	10.059	36.211	546.659
2010	1268.117	14.849	114.868	208.475	69.809	1.872	13.256	5.933	72.739	93.495	9.676	17.110	21.549	37.002	78.312	8.706	39.947	460.519
2014	1047.807	11.965	105.302	200.574	59.244	1.816	12.118	5.965	62.906	84.682	9.740	17.137	20.325	35.465	70.819	8.283	40.319	301.147
var. 95/14	-32.1%	-25.2%	-13.6%	-48.9%	-41.8%	-41.5%	-34.2%	-30.6%	-33.1%	-7.9%	-21.4%	-33.4%	-21.1%	-24.7%	-16.2%	-45.2%	11.9%	-32.7%
peso '14 %	100.0%	1.1%	10.0%	19.1%	5.7%	0.2%	1.2%	0.6%	6.0%	8.1%	0.9%	1.6%	1.9%	3.4%	6.8%	0.8%	3.8%	28.7%
									66.6%									

Fonte: INE, Contas Nacionais

